



REVOLUÇÃO ARTESANAL
#porummundofeitoamão

EXPANDIR O FAZER E CELEBRAR O FEITO

Narrativas do nosso ativismo artesanal

#PORUMUNDOFEITOÀMÃO

Planejamos, construímos, oferecemos, trocamos, nutrimos, avançamos, humanizamos, concretizamos - são muitos os verbos do fazer da **Revolução Artesanal** no ano de 2019. Poderíamos mencionar verbos ligados às técnicas artesanais, que também seriam legítimos, mas não contariam a história toda que temos criado desde o início da Revolução - nossa história que valoriza o “fazendo” artesanal.

O “fazendo” conta do processo, do que o fazer move em nós e nos mundo. Verbos de ação e reflexão que nascem de nossa relação das mãos em atrito com as ferramentas e os materiais. Nesse atrito é que se acendem nossa criatividade, nossa singularidade, nossas emocionalidades, nossa humanidade.

Usando o verbo como ferramenta e a folha em branco como material, contamos nesta publicação a história do nosso fazer artesanal neste ano, um narrar que retoma (recursivamente) alguns pontos do ano anterior, marcando o chão, e que avança expandindo os terrenos do fazer por 2019. Um ano de crescimento do que manifestamos e também dos desafios que enfrentamos. Artesanalmente, construímos o planejamento e o oferecimento de conteúdos, espaços de convivência, troca de saberes e experimentação, que este ano contou com muitas mãos. Reunimos **Artesãos de si** mesmos para colocá-los em contato com o lugar onde nascem seus fazeres singulares e qual a sua entrega pro mundo. Ao pensar entrega, artesãos que somos nos colocamos em relação com os outros e com o mundo. Com isso, nos questionamos **O que sustenta um projeto artesanal?** refletindo sobre o próprio processo de criação e execução de nosso **Festival do Fazer**, na Unibes Cultural, expandido e concentrado num único espaço graças à entrega de muitas mãos em nosso financiamento coletivo e em parcerias.

Vivenciamos os **Sentidos do Fazer** como formigueiros, reunindo mestres-artesãos, fazedores e aprendizes para se conectarem com os presentes de seus feitos, expandindo a consciência para a responsabilidade do seus fazeres no âmbito do ego e do eco. Um sentido que vai se construindo de dentro pra fora: como nos ocupamos, como ocupamos nosso lar e outros espaços, como afetamos os espaços e nossas relações.

Este ano expandimos nossa experimentação do feito à mão a muitas mãos. Celebramos os feitos de 2019 com todas essas mãos: **o Festival do Fazer, o Caminho do Autor, o Laboratório de Cores da Floresta (com brinde à nossa casa artesanal às margens do Rio Negro), o Festival Raízes Artesãs, a Ocupação Afetiva na Universidade São Judas Tadeu e todas as oportunidades de participar de eventos e compartilhar nosso manifesto**. Esta publicação conta a história desses feitos, mas sem um propósito utilitarista ou meramente informativo. Nesta curadoria de conteúdos, costuramos artigos que trazem narrativas do nosso ativismo artesanal, e que também convidam você a acender sua revolução interna, a do seu potencial singular e humano.

ARTESÃO DE SI

- 4 :: O ARTESÃO DE SI MESMO | DE ONDE NASCE O QUE FAZEMOS?**
- 5 :: NOSSA ARTE E ENTREGA PARA O MUNDO**
- 7 :: Narradores Afetivos – MANUSEAR É VERBO DE LIGAÇÃO**

O QUE SUSTENTA UM PROJETO ARTESANAL?

- 9 :: ACREDITAR E AGIR :: Primeira Jornada**
- 9 :: EXPANDIR E FAZER JUNTO :: Segunda Jornada**
- 10 :: CONSCIÊNCIA DO FAZER NO MUNDO :: Terceira Jornada**
- 11 :: Narradores Afetivos – EGO E ERA**

SENTIDOS DO FAZER

- 13 :: OS SENTIDOS DO FAZER – A ERA DA CONSCIÊNCIA ÉTICA**
- 14 :: FAZER ARTESANAL – UM CAMINHO DE APRENDIZAGEM SINGULAR OU “OS PRESENTES DE NOSSOS FEITOS”**
- 15 :: COISAS RESSIGNIFICADAS – OLHAR E PRÁTICA SOBRE COISAS LEMBRADAS E COISAS DESCARTADAS**
- 17 :: AS COISAS QUE OCUPAM NOSSO LAR**
- 18 :: OCUPAR(-SE) COM AFETOS**
- 19 :: Narradores Afetivos – TEMPO PRESENTE**
- 20 :: RAÍZES DO FAZER**

NOSSO REAL ATIVISMO

PARA LER NA ÍNTEGRA...

AGRADECIMENTOS

CELEBRAÇÃO

- 25 :: UMA CASA FEITA À MÃO – CONSTRUIR E HABITAR A TRANSFORMAÇÃO QUE DESEJA VIVER NO MUNDO**



ARTESÃO DE SI

O ARTESÃO DE SI MESMO DE ONDE NASCE O QUE FAZEMOS?

Uma observação íntima e “artesanal” de autoconhecimento que nos permite redesenhar os limites e contornos que nos definem, ou pelos quais nos reconhecemos.

Essa é a pesquisa incessante do artesão. O fazer ativa seu processo de descoberta, se reconhece no que faz, no como faz. Na materialidade de um fazer, seja ele qual for, cabe um universo inteiro. É incrível a infinidade de descobertas que pode acontecer num processo de fazer. E diria mais, é apenas num fazer que se pode descobrir algo.

Ao se colocar em relação para fazer um vaso, um caderno, um biscoito, uma terapia, um trabalho, o artesão sabe a partir de onde está brotando sua ação. Em resposta a essa atitude, a matéria com a qual está trabalhando também se manifesta em forma e essência. A conversa acessa uma camada espiritual.

[...] o maior trabalho do artesão é a construção de si mesmo. O artesão de si constrói mundos, realidade e também produtos. O trabalho artesanal passa a ser então uma atitude e uma cultura. Despertando para a construção de si como um valor do trabalho, cria-se a cultura do fazer. A cultura do feito a mão traz em sua filosofia valores que contrastam com valores de mercado do capitalismo.

Quando chega a hora da tal pergunta para o artesão, crescer ou continuar a “fazer”, a clareza de valores e a força do amor a essa pesquisa é o que dará força de não adulterar seu caminho. O desafio da sobrevivência é constante. O que vejo como saída em muitas pessoas que vivem essa cultura é a multiplicidade de ações, fazeres, trabalhos. Se consideramos ser artesão uma atitude e uma filosofia de vida, percebo que são valores imateriais que me constituem e que podem estar em tudo o que eu faço. **O que define o artesão é o princípio que movimenta seu modo de ser e fazer.**



NOSSA ARTE E NOSSA ENTREGA PARA O MUNDO

Defendemos que nosso fazer constrói relações. Falamos sobre o caminho que o fazer artesanal percorre em nós, da conexão interna, passando pela aceitação, pela rendição e pela apreciação para chegar à conexão com o outro.

Emerge a questão de como tecemos o nosso ser por meio do fazer manual: seja em proporção, em alcance, em qualidade, em complexidade. O quanto o nosso fazer testemunha nosso momento presente e nossa evolução na linha da vida por meio de escolhas que fazemos de materiais, técnicas, formas (planas, tridimensionais), postura diante de erros no percurso...

A nossa arte nasce da singularidade de nosso fazer, desde a ideação, passando por nossos afetos no percurso de produção até o momento de decisão “é isso!”, de colocá-la no mundo. Durante todo o processo artesanal, manifestamos ideias e emoções no mundo. Manifestar é divulgar, tornar público, revelar, declarar. É tanto proclamar quanto oferecer sua visão de mundo e seus desejos, seus votos. É tornar concreta a expressão de sua potencialidade.

Para além do artesanATO, vivenciamos o potencial deste artesanal-MANIFESTO:

**POR UM
MUNDO
FEITO
À MÃO**

Criatividade. Que toda forma de arte mantenha a camada autoral e criativa, sempre inspirada por outros fazeres feitos de humanos para humanos. Que possamos seguir inquietos para criar um mundo bom de se viver e pertencer. Acreditamos, como o escritor António Lobo Antunes, que “aquilo que faz com que nós continuemos vivos e capazes de criar é isso mesmo, uma inquietação constante.”

Aprendizado. Que possamos aprender sempre, com cada etapa da jornada, com suas dores e sabores. Que nosso fazer traga sempre o brilho da descoberta do aprendizado, de algo novo que possamos incluir no que fazemos. Aprender a “afinar-se como uma linhazinha para saber passar no furo de agulha que cada momento exige”, como diria Guimarães Rosa.

Qualidade. Sobretudo do olhar. Questionar e aprimorar continuamente a qualidade do que fazemos, de nossas emoções, do que consumimos... Que a expressão da qualidade em nosso fazer artesanal promova qualidade no mundo: na entrega do nosso fazer ao mundo, no que recebemos em troca, nas relações que se estabelecem.

Movimento. Acreditamos na arte viva, em fluxo, que troca de mãos, que promove sentido para além de nós, que leve histórias para inspirar outras pessoas... Que possamos nos mover com o fazer artesanal e tornar a arte movente.

Transformação. Que nossas artes promovam mudanças de forma. Que elas nos afetem na criação e produção e também promovam afetos em quem entrar em contato com elas.

Manusear é verbo de ligação

O festival de histórias em forma de fazeres manuais está cheio de personagens plurais: quem preparou a festa também faz cadernos, também borda, também faz cores, também tece... Quem dá o curso de marcenaria também toca música. Quem ensina a fazer bolsa de banner reciclado também é crocheteira e moça tecelã. Quem pinta o quadro também desenha. Quem mostra o que fazer com lixo também escreve poesia.

O festival de fazeres plurais libera a mão de um fazer único e oferece a liberdade de expressão de cada individualidade. Livres para expressar seu potencial criativo, escolhem ser responsáveis consigo, com o outro, com o mundo. Essencialmente humano, o festival do fazer manual revela a cada roda, a cada vivência, a cada oficina, a cada passo pela feira impressões digitais, ancestrais e emocionais do percurso criativo recursivo da vida. Tomar a vida nas próprias mãos é mesmo caminho sem volta.

*Colheita Afetiva por Carolina Messias,
sobre a tarde de sexta-feira do Festival do Fazer 2019.*



**O QUE SUSTENTA
UM PROJETO ARTESANAL?**

ACREDITAR E AGIR

:: Primeira Jornada

Projetos artesanais, sejam causas, movimentos ou mesmo uma linha de produtos, costumam encantar e até inspirar o outro com a possibilidade de um mundo possível feito com as próprias mãos. Os mesmos olhos encantados paulatinamente vão trocando o brilho das cores e da amplitude das possibilidades e passam a fazer cálculos desconfiados de que aquele universo é utópico e, portanto, irrealizável. Quem financia? Quem está por trás? Qual a origem e como se gera dinheiro neste projeto artesanal? Esta ideia é muito bonita, mas é sustentável?

Felizmente, aos poucos, estamos mudando o paradigma de sustentar relacionado exclusivamente ao valor econômico e revisitando a origem desse verbo, que é *sustinere* (latim), aguentar, apoiar, suportar.

A **Revolução Artesanal** se sustenta pela energia e ação dos próprios fundadores do movimento em co-laboração com uma rede de parceiros que foi se tecendo pela conexão de cada um com seu fazer artesanal.

Acreditamos que o futuro é feito à mão. E esse acreditar nos fez percorrer o caminho da sustentabilidade dos projetos **por meio das relações, da valorização da coletividade e da inclusão das singularidades e desta qualidade essencialmente humana: o fazer**. É esse motor essencialmente humano e esse olhar para como nosso fazer impacta o ambiente e a sociedade que nos move a trabalhar e a gerar valor para que esse fazer continue vivo.



EXPANDIR E FAZER JUNTO

:: Segunda Jornada

Nesta segunda jornada, percebemos o convite à expansão, à participação e ao engajamento de outros.

Desde 2016, a Revolução Artesanal fomenta e realiza anualmente o Festival do Fazer, o evento que valoriza e privilegia os processos (internos, externos e no tempo) dos fazeres manuais e as histórias dos artesãos. Este ano o Festival foi realizado ao longo de dois dias inteiros na Unibes Cultural, espaço amplo que abriu possibilidade de uma vivência potente em torno de fazeres manuais ao mesmo tempo que ampliou os desafios, inclusive financeiros, para sua viabilização. Com a expansão, era

chegada a hora de convocar mais mãos a fazer junto o Festival: abrimos as portas para parcerias verdadeiras alinhadas com a cultura do fazer manual e fizemos nossa primeira experiência com financiamento coletivo no Catarse.

Realizamos parcerias com artesãos dos mais diversos fazeres: curadoria de cultura, fotografia, desaceleradores, gestão de resíduos, design, arquitetura, educação, escrita afetiva... que contribuíram de variadas formas com seu saber, suas conexões com outros artesãos e com muita mão na massa para que o Festival pudesse acontecer! Parceiros e articuladores acreditaram e fizeram este Festival junto conosco.

Quando expandimos o que nos move a realizar o Festival e expusemos o que era necessário para viabilizá-lo, iniciamos um pulso de atração de pessoas que nos deram as mãos para torná-lo real no mundo. Mãos que articularam pessoas e fazeres, que escreveram, que se conectaram, que teceram, que pintaram, que fotografaram, que doaram, que cozinham, que montaram/desmontaram... Mãos que possibilitaram esta expansão consciente e congruente do Festival, fazendo junto, co-fazendo – sonhar grande e somar pessoas que acreditem junto.

CONSCIÊNCIA DO FAZER NO MUNDO (FAZER SUSTENTÁVEL E ECOLÓGICO) :: Terceira Jornada

Esta terceira jornada da sustentabilidade do fazer artesanal amplia o pulso da consciência

do fazer e de seu impacto no mundo. Nela, o artesão cuida e cria a partir de um fazer que supra suas necessidades, valorize sua arte e respeite o meio ambiente, ou seja, realize um fazer sustentável e ecológico.

“O artesão é o ser mais sustentável do mundo.” – a fala de Edel Moraes, da Ilha do Marajó (PA), numa das conversas do Festival do Fazer 2019 nos traz a reflexão sobre as escolhas feitas no processo artesanal: desde a produção, na relação com os materiais a serem utilizados e como são extraídos a natureza, até uma entrega que cuida do produto e do resíduo que é oferecido ao mundo.

O artesão consciente que está na terceira jornada de sustentabilidade de seu trabalho é alguém que ampliou o olhar sobre seu fazer, reconhece o impacto de sua entrega ao mundo e sabe valorar seu fazer também por esse zelo.

A Revolução Artesanal traz ecos de muitas histórias de fazeres artesanais que respeitam os ciclos da natureza... a ecologia do fazer artesanal faz ecoar um fazer vivo: que recicla, guarda a memória do que foi, conserva a ancestralidade da técnica do fazer, respeita os ciclos da natureza e as relações e processos de tudo o que é vivo e coexiste.

Um fazer que reconhece seu valor em si e no mundo e busca gerar valor ao longo de todo o processo: para a natureza, para o outro e para si, num ciclo sustentável e ecológico em todas as etapas. O projeto artesanal se sustenta fazendo eco e sendo eco.

Ego e Eco

*ego acha que existe fora
eco sabe que não*

*ego consome e descarta
eco reduz e circula*

*ego acha que é só ele
eco sabe que somos nós e um só*

*ego é automático, máquina
eco é humano, organismo*

*ego é pressa
eco é durante*

*ego é sozinho
eco é comunidade*

*ego tem certezas
eco tem perguntas?*

*ego vê um só lixo
eco vê resíduos: sólido, orgânico,
reciclável*

*ego cala e encerra
eco ressoa e reverbera*

*ego é voo cego
eco é flunar e olhar, ver, enxergar e
perceber*

*ego e eco
variáveis da mesma polaridade
e que movimento possível existe entre o
ego e o eco?*

*onde estou eu? onde está você? onde
estamos nós neste pendular?*

*somos autores do nosso tempo? do nosso
consumo? do nosso lixo?*

*somos autores? estamos vivos e atentos?
despertos?*

*o planeta e os seres que nele habitam
somos um organismo só
a autoria é a escolha
do que fazer e como fazer
do que estar e como estar
do que viver e como viver*

*se não existe fora, o que estamos fazendo
dentro?*

*deste organismo chamado Terra e de nós
mesmos?*

Colheita Afetiva por Michelle Prazeres, escrito a partir do encontro com diversas atividades que aconteceram no Festival do Fazer 2019. É fruto de observação e contemplação do espaço, do ambiente, das pessoas e da "aura" que envolveu o lugar, mas sobretudo da participação em rodas de conversa sobre economia criativa, o lixo e o tempo.



SENTIDOS DO FAZER

OS SENTIDOS DO FAZER A ERA DA CONSCIÊNCIA ÉTICA

Que sentidos atribuímos aos nossos fazeres? O que esses sentidos revelam sobre nossa conduta, nossos desejos, nossas relações e expressão no mundo? Para refletir sobre essas questões, começamos pela investigação de quem são os fazedores de hoje e quais as suas características.

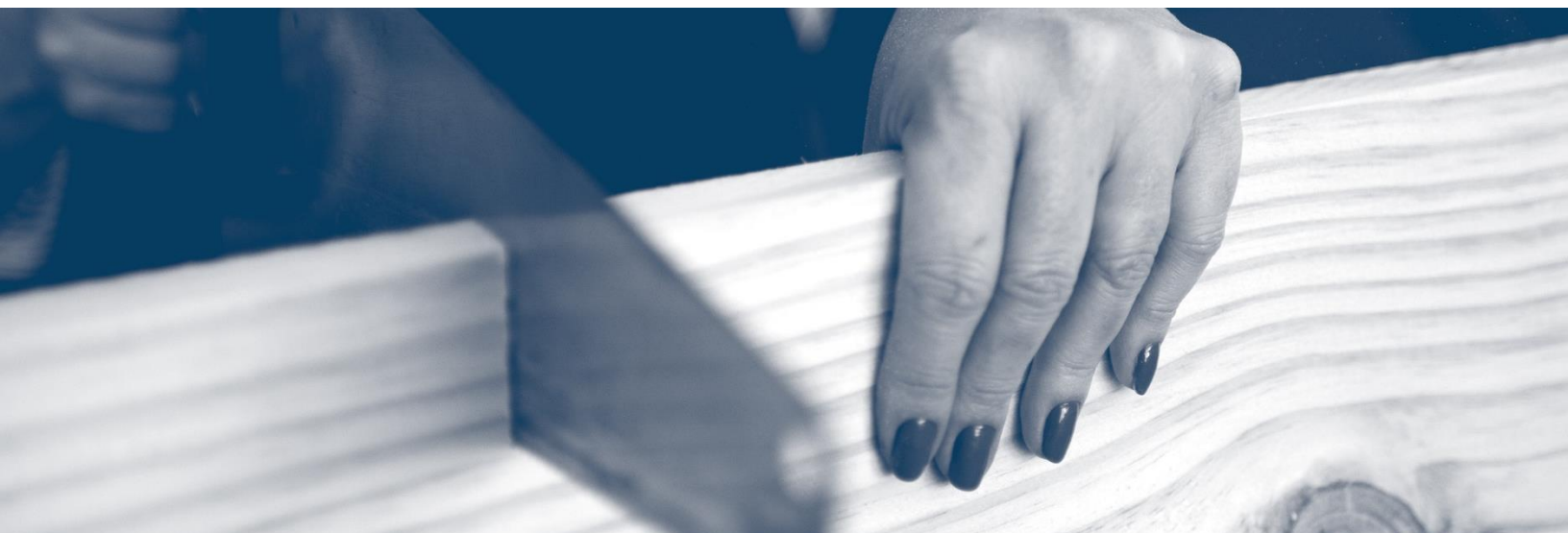
Somos herdeiros de uma era industrial disciplinar, utilitarista, focada em um produzir repetitivo e em escala. O ser humano revela, nessa fase, novas formas do fazer (trabalho e cotidiano) e de produzir conhecimento científico, porém, o acesso a esse conhecimento fica limitado a alguns públicos específicos e as práticas de reflexão sobre si ainda são restritas aos ainda estigmatizados âmbitos terapêuticos.

Vivemos uma transição dos sentidos que atribuímos aos nossos fazeres. Começamos a desvalorizar os sentidos do lucro, da

competição e do poder e a passamos a falar mais dos que estão ligados ao bem-estar comum: equilíbrio emocional, colaboração, sustentabilidade, impacto social e ecológico... Desse modo, cabe refletirmos sobre os sentidos que temos atribuído aos nossos fazeres, não só o artesanal, mas todos os fazeres cotidianos. O que nos move? Que cultura conservamos a partir desse fazer? E que cultura podemos criar por meio dele?

No fazer artesanal, acreditamos que o sentido mais potente é construído no processo do fazer, por meio das escolhas de forma e conteúdo: materiais, técnicas, do que olhamos em nós e do que queremos entregar para o mundo. Acreditamos que o sentido não é só aquele que os olhos do consumidor vão atribuir ao produto artesanal. **Não é o consumo que dá o sentido, é a história que se criou e se conservou ao longo do fazer** na rede fazedor-forma-conteúdo-consumidor.

Ao expandir nosso olhar, vemos que somos responsáveis pelo surgimento de tudo de bom e tudo de ruim em nosso viver para ser geradores do que fazemos, seja com as nossas mãos, com o nosso pensar, com o nosso teorizar e com o nosso explicar, de todas as dimensões de todos os mundos que vivemos. Não importam as circunstâncias em que vivemos nosso viver, nós, seres humanos, somos criadores e, portanto, responsáveis, tanto do que fazemos em nossa vida doméstica, como nos múltiplos mundos em que vivemos, fazendo filosofia, arte, religião, ciência ou tecnologia como modos diferentes de habitar humano. (Maturana; Dávila, 2007, p. 115, tradução nossa).



FAZER ARTESANAL – UM CAMINHO DE APRENDIZAGEM SINGULAR OU “OS PRESENTES DE NOSSOS FEITOS”

O feito à mão sempre existiu justamente por ser uma das características de nós, seres humanos: dar sentido às coisas. Hoje, dá sinais claros de um movimento revolucionário: para quem inicia seus fazeres, um caminho para a **autonomia, expansão de consciência e expressão de si e de suas causas no mundo**; para quem carrega anos de experiência, a maestria do ofício se torna artigo de luxo, mais caro que produtos industrializados.

Entendemos o fazer artesanal como meio para seu ativismo delicado, uma forma de ativismo que expressa **por meio do olhar e da expressão de si a mudança que se deseja ver no mundo**. Mudanças que só se realizam via expansão da consciência e profundidade diante de questões como ambientalismo, políticas sociais econômicas, consumo consciente, feminismo, entre outras.

Movimentos como o da Revolução Artesanal, mostram que o que se aprende com as mãos não é apenas fazer algo, um produto, por meio

de habilidades manuais “operacionais”. Afinal, o que se aprende com as mãos e o fazer artesanal?

- Capacidade de exploração de si em relação a ferramentas, os materiais e o tempo;
- Foco, profundidade e dedicação na escolha própria do que se decide aprimorar;
- Possibilidades infinitas de aprendizagem sobre fazeres diversos e sobre o mesmo fazer;
- Capacidade de encontrar soluções para “falhas e erros” – criatividade;
- Senso de conexão profunda com o que se faz – compreensão, entendimento e sentido no fazer;
- Habilidade e conhecimento sensorial por meio de ferramentas, materiais e os sentidos humanos;
- Expressar-se a si próprio com autonomia, implicando-se no processo;
- Depois de muitos anos de prática, atinge-se a maestria em um ofício;
- E o que mais emergir do processo.



COISAS RESSIGNIFICADAS

OLHAR E PRÁTICA SOBRE COISAS LEMBRADAS E COISAS DESCARTADAS

E o que define o que vemos pauta nossa ação – É lixo? Vai pro saco preto! É tesouro? Guarda! É curioso pensar que nas duas ações tiramos a coisa de nossas vistas: uma para longe de nós, outra para perto de nós, mesmo que na prateleira mais alta do armário...

“- Tem razão – concordou uma das moças. – Eu venero – é assim mesmo que se diz? – os sapatos de cetim da vovó, com que ela se casou. [...] Eu sinto que aqueles sapatinhos faziam parte de um amor e de uma grande esperança.” (“Coisas lembradas”, Carlos Drummond de Andrade)

Quando damos sentido às coisas, elas ficam eternizadas para nós. **O que guardamos conta um pouco da nossa história, carrega um pouco de nós, é como nosso museu particular guardião de nossa cultura.** Dos nossos tesouros cuidamos com afeto. E do que definimos como lixo, como cuidamos? É fato: o que descartamos também narra nossa história, também conta da nossa cultura, pois sai de nossas vistas, mas duram, às vezes mais do que nós!

“– Nunca tinha pensado nisso – falou o estudante. É mesmo. As coisas podem durar mais do que a gente, mesmo sendo coisas frágeis, que a gente fez.” (“Coisas lembradas”, de Carlos Drummond de Andrade)

Sim, e a gente não faz só o que deixa saudade. A gente faz lixo, e muito, e damos pouca bola pra isso... Só em São Paulo, saem de nossas casas cerca de 12 mil toneladas de lixo por dia, e apenas 2,5% realmente são recicláveis. E isso traz notícia de como olhamos as coisas descartadas, de como as definimos e colocamos todas no mesmo balaio: é lixo.

Se não cuidamos do nosso resíduo potencialmente reciclável, automaticamente o transformamos em rejeito e pautamos seu destino: o aterro sanitário. **Cuidar, nesse caso, não é escolher o que já está impregnado de sentido e de emoção, mas selecionar o que pode ganhar novo sentido e outros destinos – o que pode transformar descarte em lembrança.**



AS COISAS QUE OCUPAM NOSSO LAR

“O espaço começa assim, só com palavras, sinais traçados numa página branco.”

(Georges Perec, *Espécies de Espaço*)

Como um espaço se torna lar?

Heidegger dizia que “só é possível habitar o que se constrói”, e encaminha essa discussão refletindo que nem toda construção é habitação.

A construção simbólica do espaço do lar começa com palavras, com desejos, projetos de criação e reforma que nascem na relação da(s) pessoa(s) com o espaço a ser habitado.

Como as coisas que te rodeiam em sua casa foram escolhidas? Que histórias elas contam sobre quem as escolheu? Que lugares essas coisas ocupam em seu lar?

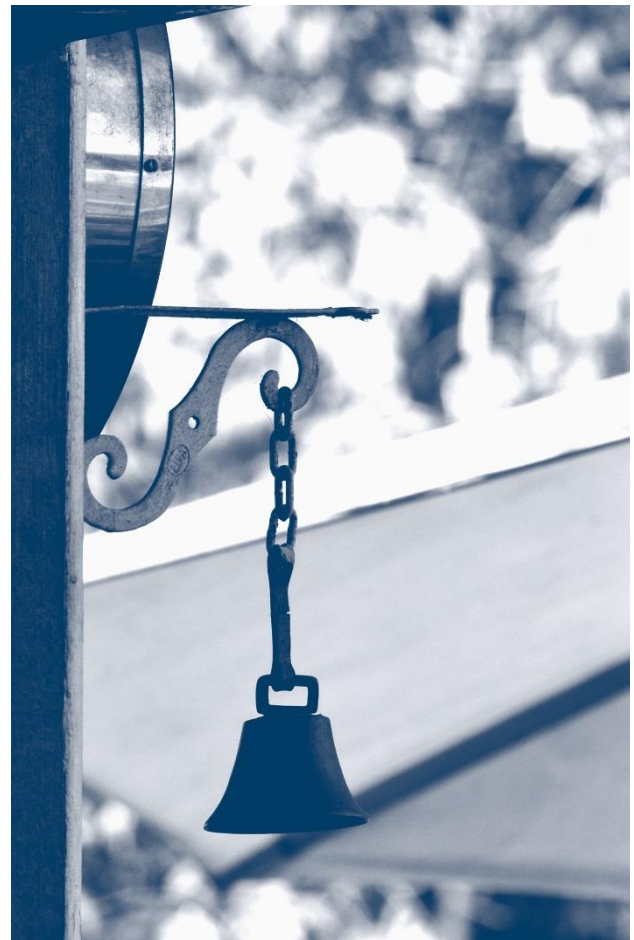
“O drama é que hoje estamos deixando de escolher. [...] Cada vez mais somos escolhidos, cada vez mais somos objecto de apelos que nos convertem em números, em estatísticas de mercado” (Mia Couto, 2019, p.113).

Uma tendência a questionar as lógicas de mercado e a “descoisificar” as coisas para que elas passem existir por questão de sentido da “história que se criou e se conservou ao longo do fazer na rede fazedor-forma-conteúdo-consumidor”.

Observe as coisas ao seu redor. Quanta vida e calor há nelas? Você escolheu ou foi escolhido/a por essas coisas?

Artesanalmente, vamos compondo nosso lar com histórias: coisas que compramos, coisas que reciclamos, coisas que ressignificamos, coisas que herdamos, coisas que trocamos de lugar, coisas que guardamos, coisas que esquecemos (e depois redescobrimos), coisas emprestadas, coisas presenteadas, coisas feitas por outros e coisas feitas por nossas próprias mãos.

O que nossas coisas espelham de nós?



OCUPAR (-SE) COM AFETOS

Há uma potência de sentidos no verbo “ocupar”. Sua bagagem latina (*occupare*) nos remete à ação de tomar posse e nos convida a atualizar o sentido do que nos apossamos hoje, tanto física quanto simbolicamente. Tomamos posse de algo que tem valor para nós e do que desejamos e agimos para conquistar.

Paralelamente ao sentido mais comum, a contemporaneidade tem aberto caminhos para ocuparmos não só algo externo a nós para atestar uma relação de poder, mas ocuparmos espaços de tempo e de lugar para nutrir nossa subjetividade e contribuir com o mundo que queremos (vi)ver.

Como temos ocupado espaços hoje? Essa é uma das perguntas que movem nossas ações na Revolução Artesanal, pois acreditamos e fomentamos o delicado e potente ativismo do fazer artesanal. Um ativismo afetivo que faz acender a disposição e a relação (do termo em latim *affectio*) do ser a partir do fazer, agir sobre, manejar (da raiz etimológica *afficere*).

É com esse posicionamento que nomeamos a intervenção que realizamos na Universidade São Judas Tadeu (*campi* Mooca e Butantã) como **Ocupação Afetiva**. Um encontro incomum de palavras, como acontece também com nosso próprio nome Revolução Artesanal, para traduzir uma forma de ativismo do fazer, que se manifesta por e também permite acessar afetos.

Assim nasce um modo inovador de ocupação, que preenche espaços externos e internos a partir da abertura aos afetos e do protagonismo do fazer com as próprias mãos. Ocupa lugares e o tempo com afetos, ocupamos com nossa humanidade, menos com o utilitarismo e mais com o sentido do nosso fazer. Uma ocupação para tomar posse da própria potência, para cuidar de si como forma de dar conta do que manifestamos em nós e no mundo.

“Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida.” (Foucault)



Tempo-Presente

O tempo é o presente. O tempo dedicado ao fazer, ao pensar, ao sonhar e, por fim, conceber. E o tempo da coisa é o tempo da coisa - por mais redundante que soe.

“Certo dia”, contava ela, “lembrei que uma grande amiga ia fazer aniversário. Saí e fui comprar uma linha especial para fazer um cachecol de presente - como a festa é em junho, vai estar frio. Comecei a fazer e, quando cheguei na metade do processo, desisti. Não gostei de como ficou. Comprei outra linha e fiz tudo de novo, ponto por ponto. O cachecol está pronto”, disse, orgulhosa.

O tempo da coisa vem antes da coisa em si: ele é o processo de sonhar, como ela sonhou aquele cachecol; depois, parte por parte, ele vai saindo do sonho e se materializando, um ponto de cada vez - aí é o processo em si; por fim, a coisa pronta, um ou dois meses depois, no pescoço da amiga. Tcha-rã! O sonho realizado. É a coisa e seu tempo.

Aquele presente era mais do que linhas e agulhas. Ele tinha conhecimento, tinha técnica, tinha muitos anos de prática - da senhora que o fez e da técnica em si. O presente era também o tempo, meses, dedicado àquilo, pensando na amiga, seus gostos, na cor, formato, se vai esquentar bem ou não... E ouvindo toda aquela trajetória, abri os olhos.

Sabe do quê? Ela tem toda a razão. O tempo da coisa, esse sim é o presente.

*Colheita Afetiva por Maria Luiza Miserochi,
a partir das percepções acerca da roda Tempo, tecelão do fazer no Festival do Fazer 2019.*

RAÍZES DO FAZER

Na sociedade de desempenho em que vivemos atualmente, “fazer” é um verbo cada vez mais valorizado: ter atitude, tomar as rédeas da situação, ter iniciativa, resolver coisas, “vai lá e faz” costumam ser ligados a pessoas de ação, positivas, que não perdem tempo com “mimimi”. O fazer aqui é ligado ao desempenho e à performance, que trazem diversos efeitos colaterais quando ultrapassam um limite saudável (estresse, *burnout*, depressão, insônia, problemas cardíacos, inflamatórios... – a lista é longa, infelizmente). O limite desse fazer do desempenho está no abandono do próprio eu.


Uma das propostas da [Revolução Artesanal](#) é prevenir esse abandono do eu por meio da reflexão de um fazer artesanal salutar. Em vez de colocar para fora apenas um artesanATO, expressão de uma ação, por que não oferecer ao mundo a beleza da singularidade de todo o seu processo ARTESANAL? Singularidade que é expressa sempre em relação às raízes plurais desse fazer: sua história, ancestralidade e modos de fazer.

O fazer artesanal tem mais a ver com expressão de identidade(s) do que com performance, pois tem a ver com escolhas, com experimentação e embate com o desconhecido.

[...] Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

“Identidade”, de Mia Couto em *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*



O nosso real Ativismo:
aos poucos, fazemos um mundo diferente com nossas próprias mãos. Aos poucos, cria-se vínculo entre indivíduos por meio do fazer manual; aos poucos, aprende-se com o erro, com a repetição, com a ajuda do outro; aos poucos, começa-se a ouvir a si, aos sinais do corpo e das próprias mãos; aos poucos, aprecia-se o tempo do fazer e a criação em processo (sem a angústia de terminar logo para entregar); aos poucos, observam-se indivíduos artesãos de si; aos poucos, cria-se um olhar gentil para as mãos e o que nasce delas. O ativismo é delicado, é persistente, é “aos poucos”. Mas qual será o impacto da multiplicação desses “poucos” todos? Só o tempo dirá, mas o que estamos vendo agora é bonito mesmo de se olhar e de viver.

PARA LER NA ÍNTEGRA...

O ARTESÃO DE SI MESMO

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/o-arte/>

NOSSA ARTE E NOSSA ENTREGA PARA O MUNDO

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/nossa-arte-e-nossa-entrega-para-o-mundo/>

O QUE SUSTENTA UM PROJETO ARTESANAL?

ACREDITAR E AGIR :: Primeira Jornada

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/o-que-sustenta-um-projeto-artesanal/>

EXPANDIR E FAZER JUNTO :: Segunda jornada

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/o-que-sustenta-um-projeto-artesanal-2/>

CONSCIÊNCIA DO FAZER NO MUNDO (FAZER SUSTENTÁVEL E ECOLÓGICO) :: Terceira Jornada

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/o-que-sustenta-um-projeto-artesanal-terceira-jornada/>

OS SENTIDOS DO FAZER – A ERA DA CONSCIÊNCIA ÉTICA

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/os-sentidos-do-fazer-a-era-da-consciencia-etica/>

FAZER ARTESANAL - UM CAMINHO DE APRENDIZAGEM SINGULAR

OU “OS PRESENTES DE NOSSOS FEITOS”

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/fazer-artesanal-um-caminho-de-aprendizagem-singular/>

COISAS RESSIGNIFICADAS – OLHAR E PRÁTICA SOBRE COISAS LEMBRADAS E COISAS DESCARTADAS

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/coisas-ressignificadas/>

AS COISAS QUE OCUPAM NOSSO LAR

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/as-coisas-que-ocupam-o-nosso-lar/>

OCUPAR(-SE) COM AFETOS

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/ocupar-se-com-afetos/>

RAÍZES DO FAZER

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/raizes-do-fazer/>

UMA CASA FEITA À MÃO –

CONSTRUIR E HABITAR A TRANSFORMAÇÃO QUE SE DESEJA VIVER NO MUNDO

<https://www.revolucaoartesanal.com.br/uma-casa-feita-a-mao/>

Agradecimentos

Todos os textos que criamos em nosso blog são inspirados no caminhar da Revolução Artesanal, dos movimentos que nascem, e chegam ao mundo em forma de ação, de festivais, de oficinas, de conversas, de parcerias, de pessoas que fazem junto. A escrita artesanal com Carol nos permite contar o que vemos, sentimos e fazemos neste mundo que desejamos ser e viver.

Queremos muito agradecer esta inspiração e a todos que caminham lado a lado, e em especial durante este ano todo, em que juntos, fizemos um mundo feito à mão acontecer.

Escritores: Carolina Messias, Melissa Migliori, Michelle Prazeres, Lu Annunziata, Narradores Afetivos

Oficineiros: Lucas Shirt e Eduardo Buffardi, Marina Doninni, Kiri Miyazaki, Beth Bacchini, Claudia Machado, Itamar Pereira, Ana Moraes, Erika Cardoso Brasil Ribeiro, Bia Alcântara, Cristine Bartchewsky, Mayra Aiello, Rita Taraborelli, Raquel Takamoto, Paula Moreno e Maria Eugênia, Mariana Pavan, Raquel Abramant, Vivi Lavratti, Marco Antônio Andreoni, Ciça Costa, Tati Polo, Luiz Lira, Nathália Abdalla, Clau Gonzaga, Mari Labaki, Thiago Carneiro, Lika Araújo, Santídio Pereira, Isabela Teles, Gal Gruman e Andrea Canton.

Parceiros: Noetá, Casa Causa, Desacelera SP, Pulsara, Pivo, Narradores Afetivos

Parceiros/Amigos Voluntários: Rodrigo Gutierrez, Pilar Cunha, Cesar Matsumoto, Ivy Moreira, André Andreoni, Emilie Andrade, Ana Biglione, Nina Valentini, João Pedro, Flavio Moraes, Rodrigo Vieira, Laura Corrêa.

Apoiadores: IEP, C de Cultura, Unibes Cultural, Natural da Terra | Vila da Terra.

Nas Conversas: Flavia Lemes, Lu Annunziata, Michelle Prazeres, Ana Biglione, Carla Cabrera, Priscila Cañedo, Ana Moraes, Giuliano Tierno, Melissa Migliori, Edel Moraes, Fabiana Ivo, Gustavo Silvestre, Gustavo Seraphim, Karine Rossi, Patricia Toledo, Marcilene Barbosa, Adriana Barbosa, Pilar Cunha, Isa Bonfitto, Cristiane Pedote, Daniela Ayub, Sônia Quintela, Santídio Pereira, Vitor da Trindade, Flavia Aranha, Tati Polo, Bia Alcântara, Adriana Costa, Beatriz Nogueira, Lu Wski, Lucia Lene, Fernando Ogando, Aline Moraes, Ricardo Leal, Leo Mello, Pedrinho, Romy Tutia, Marcelo Westermann, Danilo Pastorelli, Victoria Cherniavsky... [com vocês trocamos ideias e construímos conversas e projeto sobre nosso universo manual.](#)

Nos Projetos: Universidade São Judas Tadeu, Coletivo Viva Goethe, Dia Sem Pressa, Laboratório Cores da Floresta | Amazônia.

Na Amazônia: Comunidade Tumbira com seu povo e os seres encantados da Floresta.

Agradecimentos Especiais

A todos os apoiadores do nosso *crowdfunding* que contribuíram com a realização de ações da Revolução Artesanal este ano.

E, a todos os Fazedores de nossa rede que caminham juntos nas redes sociais nos incentivando a seguir com este movimento do fazer manual.

. * . * . * . * . * . * .

A **Revolução Artesanal** é uma iniciativa incubada pelo **Estúdio In Totum** e realizada por Ciça Costa e Bruno Andreoni.



www.revolucaoartesanal.com.br

contato@revolucaoartesanal.com.br :: [@fazerartesanal](https://www.instagram.com/fazerartesanal)

A verdadeira revolução é a conexão de cada um com seu potencial, é a descoberta do amor. A descoberta de que a união faz a força, de que todos têm seu lugar ao sol. Revolução esta que é semeada, incubada, gestada e germinada artesanalmente dentro de cada um. Com as águas, os humores e os valores de cada pessoa. Que se torna responsável por suas escolhas e num dado momento, passa a vivê-las e compartilhá-las.

Melissa Migliori

CELEBRAÇÃO

Não há nada mais humano do que sonhar, projetar, criar, nomear, construir e habitar. Habitamos para ter um espaço de liberdade, de paz e de pertencimento. Habitamos para conviver, viver junto. A casinha na Amazônia é guardiã dessa humanidade, que reúne diferentes qualidades e habilidades para criar um mundo possível, com relações justas, efetivas e de valorização de cada fazer.

Uma relação que se estabelece na essência do construir, que é deixar-habitar.

Uma relação que muda o olhar e a forma de habitar de todos por meio do construir junto, do pensar junto, um olhar que entende que "somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir".

